

Revistas do Cemoroc: Ano XX, 250 volumes – Apresentação

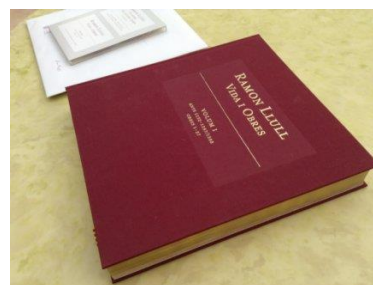
Nota introdutória

Esta edição de ISLE – o No. 250 de nossas revistas – está dedicada aos números redondos que a Editora comemora e, no artigo a seguir (de caráter geral), destacam-se aspectos de nossa história e de seus principais marcos.

Além disso, para esta edição comemorativa, solicitei a nossos principais editores e autores que redigissem uma “selfie” editorial, na qual cada um revisitasse resumidamente sua atuação em nossas revistas, deixando-os com liberdade de forma, enfoque, período de abrangência etc. (em alguns casos, o artigo a seguir é que se encarregará de falar de colaboradores e temas do imenso universo de nossas revistas).

Assim, nossos agradecimentos especiais aos seguintes editores e autores:

- **Aida R. Hanania** - cofundadora do Cemoroc, e fundadora do curso de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabes da USP, escreve suas selfies (autora e editora) sobre outro cofundador: **Helmi Nasr**, hoje com 94 anos e morando no Cairo.
- **Chie Hirose** - sendo pós doutora e professora universitária, sua principal atividade é a de lecionar na Prefeitura. Reflete sobre a experiência – tão original quanto fecunda – de editora que dá voz aos colegas professores de Ensino Básico da escola pública.
- **João Sérgio Lauand & Maria de Lourdes Ramos da Silva (et al.)** - contemplam os estudos sobre David Keirse, cada vez mais numerosos em nossas revistas.
- **María de la Concepción Piñero Valverde** - Profa. Titular de Literatura Espanhola (USP) e colaboradora da “primeira hora” do Cemoroc; a selfie destaca seus estudos sobre o diálogo entre as culturas brasileira e espanhola.
- **Pedro Garcez Ghirardi** - Prof. Titular de Literatura Italiana (USP) e colaborador da “primeira hora” do Cemoroc, repassa seu percurso por variados temas, como - em diversos estudos - o da presença do sagrado na literatura.
- **Paulo Ferreira da Cunha** - o fundador do IJI da Univ. do Porto, principal parceiro do Cemoroc, fala como autor e editor desde os primeiros tempos de nossa Editora.
- **Pere Villalba** - cofundador e diretor de relações internacionais do Cemoroc e criador da *Revista Internacional d'Humanitats* (RIH), o eminente intelectual catalão, Professor Emérito da Univ. Autònoma de Barcelona, celebra os vinte anos da RIH.



Permito-me este destaque a PV: associando-nos (RIH 40 www.hottopos.com/rih40/index.htm) às homepages que tem recebido por ocasião de sua recém lançada monumental obra - *Ramon Llull. Vida i obres*

- **Roberto C. G. Castro** - analisa os estudos clássicos e os artigos de (e sobre) Josef Pieper) em nossas revistas.
- **Roseli Fischmann** - colaboradora da “primeira hora” do Cemoroc, a destacada educadora (Feusp / Umesp) repassa suas colaborações pessoais (como autora e editora) e as dos docentes e discentes do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo.
- **Rui Josgrilberg** - incorporado há poucos anos no Cemoroc, examina - em coautoria com o Dr. **Vitor Chaves de Souza** - os estudos sobre Paul Ricoeur e também os artigos dos docentes e discentes do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.
- **Silvia M. Gasparian Colello** - colaboradora da “primeira hora” do Cemoroc, analisa a produção recente dos docentes da Faculdade de Educação da USP e seus próprios artigos em nossas revistas.
- **Sylvio Horta** - cofundador do Cemoroc e webmaster da Mandruvá (hottopos.com), responsável por nossas edições eletrônicas. Coordenador da Área de Chinês da FFLCHUSP. Em seu estudo, destaca a produção de dois de nossos mais antigos colaboradores: o Prof. Dr. **Mario Bruno Sproviero** e a Profa. Dra. **Ho Yeh Chia**.
- **Terezinha Oliveira** – medievalista, nos últimos anos tem sido editora de diversos números de nossa revista *Notandum*. Os estudos medievais, tradição desde o início de nossas revistas, nos últimos anos, têm se concentrado sobretudo nas *Notandum*, editadas por T.O.

Obtivemos assim um material muito rico, também do ponto de vista da reflexão acadêmica (para além do “guia de leitura” para tantos artigos de nosso site).

Desde já também nossos agradecimentos especiais a outros grandes colaboradores de nossa Editora, dentre os quais destaco:

In memoriam – os eminentes filósofos **Josef Pieper** e **Julián Marías**, que confiaram à nossa editora preciosos textos, alguns exclusivos do Cemoroc.

Dr. **Alfonso López Quintás**, renomado filósofo e educador.

E um de nossos incansáveis editores, o Dr. **Enric Mallorquí-Ruscalleda** (California State University-Fullerton), a quem dedicamos o artigo “Homenagem ao Prof. Dr. Enric Mallorquí-Ruscalleda – 15 anos de colaboração com o Cemoroc”, em nossa revista *Convenit Internacional* No. 17 (www.hottopos.com/convenit17/53-56JEAN.pdf).

Muito obrigado.

Jean Lauand - editor

São Paulo, 10 de outubro de 2016

P.S.: Por razões de espaço, algumas selfies (inclusive a deste editor...) ficaram para o próximo número de ISLE.

Revistas do Cemoroc: Ano XX, 250 volumes – esboço de um memorial¹

Jean Lauand²

Resumo: Por ocasião da celebração do 20º aniversário e da publicação do número 250 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, este artigo apresenta uma memória dessa história editorial.

Palavras Chave: Cemoroc. revistas universitárias. atividade editorial.

Abstract: On the occasion of the celebration of the 20th anniversary and the publishing of the volume #250 of the academic journals of Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Edf-Feusp), at www.hottopos.com, this article presents the landmarks of this editorial history.

Keywords: Cemoroc. university journals. editorial activity.

Não é todo dia que um projeto editorial de revistas universitárias completa 20 anos e, menos ainda, atinge seu No. 250 (!), como ocorre agora com as publicações seriadas do Cemoroc, cuja versão eletrônica encontra-se no site da Editora Mandruvá (www.hottopos.com). A regra, a implacável regra empírica diz que muitas revistas acadêmicas costumam parar na praia dos fatídicos No. 6 ou 7... Daí a prudente espera de entidades avaliadoras; bancos de dados e indexadores antes de reconhecer uma publicação seriada: para ver se ainda flutua, se continua existindo. E é que – o Cemoroc bem o sabe – há muitas dificuldades na vida de uma revista. Ademais das financeiras (sobretudo quando, como em nosso caso, não se pode contar com orçamentos institucionais), há toda uma dinâmica (ou, por vezes, estática...) das instâncias próprias da vida acadêmica, com suas funções e disfunções e sua burocracia.

Na carreira pessoal, em alguns dos concursos que prestamos, é-nos exigido um Memorial: para além dos frios dados curriculares, um relato que permita à banca uma compreensão do sentido, das razões de coerência da trajetória do candidato. Em nosso caso, institucional, cabe-me o honroso desafio de, por ocasião desses importantes marcos redondos – 250 volumes e 20 anos de caminho –, escrever este esboço de Memorial das revistas do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Edf-Feusp).

Todo Memorial é um desafio: além do incômodo de falar sobre si mesmo (pessoal ou institucionalmente), corre-se o risco de um olhar piegas, e não informar o que realmente é relevante. Ou o da presumida distorção, nesse olhar retrospectivo para pontos positivos e negativos da vida profissional. É sempre bom a releitura do “Poema em linha recta” do Pessoa (Álvaro de Campos) antes de emprendermos a tarefa.



Feusp - Faculdade de Educação da Univ. de São Paulo

¹. Neste estudo, retomo alguns dados e trechos do artigo que publiquei por ocasião de nosso 20º aniversário: <http://www.hottopos.com/isle13/05-22Jn.pdf>.

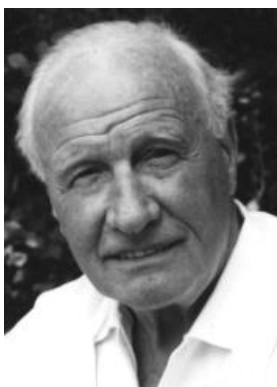
². Fundador e diretor do Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Feusp. Professor Titular Sênior da Faculdade de Educação da USP. Professor Titular dos Programas de Pós Graduação em Educação e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

A parte mais fácil ainda é a dos dados e já adiantamos os básicos. Em 1997, lançamos nossa primeira revista, *Mirandum* (21 Nos.), seguida de *Notandum* (1998, 45 Nos.), *Revista Internacional d'Humanitats* (1998, 41 Nos.); *Collatio* (1998, 13 Nos.); *International Studies on Law and Education* (1999, 26 Nos.); *Convenit Internacional* (2000, 24 Nos.); *Videtur* (1998, 31 Nos.); *Regeq* (1998, 14 Nos.), além de coleções especiais - *Notandum Libro* (16 Nos.); *Videtur Letras* (7 Nos.); *Mirandum Libro* (4 Nos.); *Videtur Libro* (14 Nos.) e *Mirandum Plus* (7 Nos.).

São revistas de humanidades, multidisciplinares, com ênfase em educação, filosofia, estudos orientais, Idade Média e linguagem.

Nestes 20 anos, escreveram para nossas revistas centenas de autores e publicamos em 14 línguas: português, espanhol, inglês, francês, italiano, catalão, alemão, chinês, árabe, latim, coreano, japonês, russo e vietnamita.

Desde o começo, trabalhamos em parceria com prestigiosas universidades estrangeiras, em coedições com a Univ. do Porto e a Univ. Autònoma de Barcelona (nossas parceiras ainda hoje); e com as universidades: Autònoma de Madrid, Freiburg, Frankfurt, Católica de Murcia, Instituto de Filosofia de Cuba, Vilnius (Lituânia) etc.



Josef Pieper

Temos também o privilégio de manter uma seção *Signatures*, com artigos exclusivos com que nos quisermos honrar três dos maiores filósofos contemporâneos: Josef Pieper (1904-1997), Julián Marías (1914-2005) e Alfonso López Quintás (1928-), à qual se juntaram outros renomados pensadores (<http://www.hottopos.com/4.htm>).

Nestes 20 anos, nosso trabalho editorial (o Cemoroc também publica livros, mas aqui falaremos só das revistas) foi objeto de muitas matérias na mídia e recebeu diversos prêmios: 31 inclusões nos *Top Ten* do Google (atualmente transferidas para o *Open Directory*); 5 prêmios “Dirección de la Semana” em suplemento do jornal ABC de Madri, na época o maior jornal da Espanha; etc.

Memorial institucional

Como dizia, um Memorial, pessoal ou institucional, busca apresentar (caso entendamos sua elaboração como algo distinto de um mero exercício burocrático) de modo articulado e sistemático os principais marcos da carreira, mostrando a unidade e a coerência das atividades exercidas nas diversas facetas que compõem a trajetória acadêmica. Para além da grande quantidade de “fatos” apresentados em ordem meramente cronológica em compartimentos estanques do *curriculum*, espera-se uma possibilidade de “compreender” (no sentido “técnico” de *Verstehen*) a unidade do

profissional (ou do empreendimento): as razões de tais ou tais opções, pesquisas e atividades, aparentemente tão multifacéticas e variadas.

A dificuldade da tarefa de oferecer ao leitor essas razões é que elas não são imediatamente claras para os próprios protagonistas e nem para aquele que redige o *Memorial* e que tem diante de si um trabalho de objetivação³. Essas grandes linhas – trajetórias resultantes da tensão dialética entre *circunstância* e *vocação*⁴ – não são plenamente conscientes no momento em que estão sendo percorridas, nem sequer mesmo quando – anos depois – nos debruçamos sobre elas.

Seja como for, a reflexão imposta pela exigência de um Memorial obriga a identificar – em alguns casos para surpresa do próprio interessado – e explicitar essas grandes linhas que orientam nossas atividades, por um esforço consciente de apreensão.

Falamos aqui de caminhada, de carreira, de per-curso (presente na etimologia da palavra “currículo”). Sobre a necessária imprecisão dessa retrospectiva histórica, cabe aqui a sugestiva indicação dada pela palavra bíblica: caminho (*derek*). Na perspectiva semita, o caminho não está pré-determinado e não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela *estrada* de Jesus!” Para aquele povo do Oriente, o caminho é o de cada um, não há rodovias no deserto... Não por acaso, *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica na Bíblia que foi parar no inglês *way*... Daí a profundidade do verso de Machado: “*Caminante, no hay camino, se hace camino al andar*”.

Passados os anos, é muito fácil na retrospectiva de um Memorial apresentar as trajetórias como se tivessem sido cuidadosamente planejadas, obedecendo a um projeto racional, a um plano fechado. Fácil e falso. A verdade é que muitas das oportunidades vêm do imprevisto, da oportunidade oferecida pelo acaso, de uma ideia importante que surge de repente no caminho...

Daí o absurdo da exigência de rígidos planos e projetos de pesquisa – com “bem definidas” hipóteses, objetivos, justificativas, metodologia etc. – em ciências humanas, como se o rigor científico nosso se devesse pautar por padrões importados de outras áreas... Em “Dois modos de ser crítico”, Josef Pieper distingue o critério de rigor das “ciências”: *nichts durchlassen*, “não deixar passar nada” que não tenha sido comprovado; do rigor em filosofia, *nichts auslassen*, “não deixar de fora nada”, buscando a conexão global deste ponto em estudo com o todo do real. (<http://www.hottopos.com/rih40/81-82Pieper.pdf>)

Que hipóteses Heidegger teria para apresentar em seu “projeto de pesquisas”, para serem testadas, “comprovadas” (ou falseadas) em *Ser e Tempo*? Teria algum sentido, hipóteses como: “No ser do ente acontece o nadificar do nada” ou que “é o nadificar do nada que leva o ente ao *ser-aí*”?

Quais os “objetivos gerais e específicos” das *Confissões* de Agostinho, dos *Pensamentos* de Pascal? Verificar que “o silêncio eterno dos espaços infinitos apavora”? Ou que “o coração humano está inquieto enquanto não descanse em Deus”? Seriam sumariamente recusados pelas Comissões de Pesquisa e por certos pareceristas tupiniquins de agências financiadoras.

E quanto à metodologia, Julián Marías, sempre tão rigoroso, não hesita em afirmar (e o faz em nada menos do que em um prefácio a uma erudita tese de doutoramento!):

³ Semelhante à objetivação que se dá metodologicamente em Filosofia, tal como propõe, por exemplo, Josef Pieper.

⁴ Para usar os conceitos – tão próprios para esta ocasião – de *trayectoria*, *circunstancia* e *vocación* elaborados por Ortega e Julián Marías.

“O método? Sentir, como se fossem minhas, as dores tuas”.

E ajunta:

“Sim, [este é o método] mas a indagação dos métodos intelectuais, de maneira que se veja claramente que isto é um método, requereria outra tese de doutoramento, que alguém deveria escrever”⁵

E Platão não obteria o aval dos Comitês de Ética para *O Banquete* enquanto não encaminhasse a papelada com as autorizações de Fedro, Aristófanes, Aristodemo, Sócrates etc., com a dificuldade adicional de que alguns desses depoentes terem feito suas declarações sob efeito de álcool...

Em nossas revistas – diga-se de passagem – sem descurar a normatização cabível, procuramos promover ideias, que é o que realmente conta.

Mas voltemos às características de nosso Memorial, procurando afastar falsas pretensões de uma bem comportada racionalidade na história da Editora.

Na redação de um Memorial honesto, deve-se ter em conta aquele fenômeno gramatical (e na verdade "mais do que gramatical"; que ocorre no grego, no latim e em outras línguas) conhecido como "voz média": uma operação que não é propriamente ativa nem passiva, mas que, sendo do sujeito, é-lhe exterior (ou vice-versa). O exemplo clássico é o do verbo *nascor*, nascer (eu nasço - exerço ativamente a ação de nascer - ou sou nascido?). É o “navegar” de que fala o samba “Timoneiro” de Paulinho:

Não sou eu quem me navega; quem me navega é o mar.

A *circunstância* traz a presença do casual em nossas trajetórias – encontros e possibilidades que se abrem inesperadamente – uma presença real, que ocupa lugar principal nelas: é muito fácil *a posteriori* narrar a vida profissional ou institucional como se seus marcos obedecessem a uma lógica consciente e a uma determinação pré-estabelecida da vontade.

Certamente, há uma *vocação*, uma força interior que compele a encaminhar as atividades para um determinado sentido (“vocación – lo que no se puede dejar de hacer”, dizia Julián Marías), mas essa vocação se expressa nas possibilidades dadas, e por isso falamos em *trajetórias*: a resultante da dialética *vocação-circunstância*.

Nesse sentido, os diversos “episódios” que recolhemos neste relato são também necessário tributo ao fortuito da circunstância, que condiciona, limita e abre possibilidades à vocação. E como gratidão à generosidade de tantos colegas do Brasil e do exterior, que têm feito navegar a navegação da editora Mandruvá-Cemoroc.

1997, Sylvio Horta e a pré-história da Mandruvá

Para falar dos começos (e dos princípios) da Mandruvá (que viria a ser o braço editorial eletrônico do Cemoroc), é necessário falar de seu fundador: Sylvio Horta.

No fim de 1988, uma colega (a quem sou imensamente grato), a Dra. Lisandre Castello Branco, disse-me que tinha indicado meu nome a um jovem pesquisador, Sylvio Roque de Guimarães Horta, interessado em fazer mestrado em filosofia da educação. Poucos dias depois, ele apareceu em meu gabinete da Feusp, o 218. Aos

⁵ Marías, Julián *Hispanoamérica* Madri, Alianza, 1986, p. 369.

poucos minutos de conversa, uma profunda *sym-pathia*, também no sentido etimológico de sintonia no sofrer o mundo: inconformidade com os limites da ciência, com as estreitas bitolas impostas pelo “cientificismo” acadêmico. E também: a paixão pelos Beatles, pela valorização do corpo na Antropologia Filosófica, pelos Orientes, pelo pensamento de Julián Marías etc.

Claro que aceitei – os colegas costumam dizer que eu tenho uma incrível sorte com orientandos – e, em 1990, Sylvio Horta começou a fazer o mestrado sobre Marías e a educação. Aquele encontro inicial projetou-se e esse nosso diálogo constante dura já quase 30 anos.



Sylvio Horta – Diretor Editorial e webmaster de edições eletrônicas do Cemoroc

Junto com uma imensa bondade pessoal, Sylvio é uma inteligência brilhante, que sabe aprofundar em diversos campos: é, ao mesmo tempo, um grande sinólogo (atualmente coordenador da área de língua e pensamento chinês do Departamento de Letras Orientais da Ffchusp), mas também um dos maiores conhecedores do pensamento de Ortega e Marías. Estudioso dos clássicos do Ocidente, atualizadíssimo em diversas áreas científicas (sua graduação foi em Farmácia) e – qualidade rara em professores de humanas – possui um domínio incomparável de tecnologias de Internet.

O ano de 1997, ano em que lançamos nossas primeiras revistas também em versão eletrônica, não é casual: foi então que o trabalho de webmaster se tornou viável e a Internet estava começando seu *boom* comercial entre nós. Naturalmente, não havia no Brasil muitas revistas eletrônicas e inúmeros professores de ciências humanas ainda relutavam em operar por si mesmos um simples editor de textos.

Uma matéria extraída do acervo do Estadão, de 16-09-96, ajuda-nos a lembrar o que era ser webmaster (o jornal só tinha empregado essa palavra uma única vez, um ano antes, para falar de seus tímidos e pioneiros ensaios de edição digital) naquela época: a complicadíssima trabalhadeira que era criar um site – ou mesmo uma simples página html. Até que Bill Gates lança o programa Front Page (como parte de seus planos para “dominar o mundo” *sic*).

Em 1997, Sylvio, cursava o doutorado na Feusp, mais uma vez sobre Ortega e Marías; eu, tinha concluído a livre-docência, dois anos antes. Claro que a progressão na carreira, daquele grupo de amigos que ajudaram a fundar a Editora, fortalecia e abria perspectivas para nosso projeto. Alguns desses colegas já tinham carreiras maduras e nos emprestaram seu prestígio acadêmico; em outros casos, percorrer seus artigos nestes 20 anos, é acompanhar a progressão de sua brilhante trajetória acadêmica.

FrontPage 1.1 constrói página ao clique do mouse

*Uso de Software
dispensa conhecimento
de comandos da
linguagem HTML*

E agora? O Web site está pronto e configurado. Mas não existe ainda um número suficiente de páginas no formato HTML que faça a Intranet instalada ser útil. Uma das soluções, tempos atrás, era contratar um webmaster. Ou comprar um livro de HyperText Markup Language — e passar noites decorando os comandos enfadonhos da “língua” da Internet.

Como Bill Gates quer dominar a Net — pois a partir dela tentará dominar o mundo —, a Microsoft resolveu juntar o FrontPage 1.1 no pacote de software do Windows NT

Alguns, ainda mestrandos ou doutorandos na época, são hoje importantes referências em suas áreas, como por exemplo a Profa. Dra Silvia de Mattos Gasparian Colello:

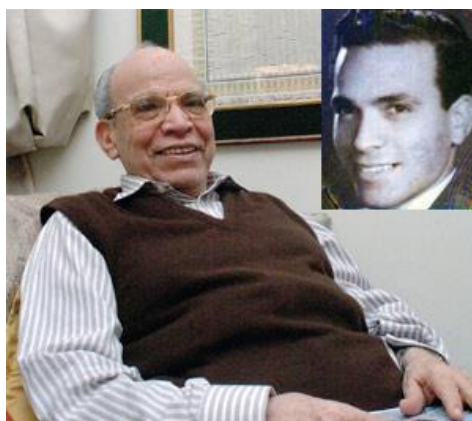


Aida Hanania e os primórdios da Editora

Outra fundadora de nosso empreendimento editorial foi a Dra. Aida Hanania, que viria a se tornar Titular de Língua e Literatura Árabe na Fflchusp. Aida tinha sido minha professora no curso de Árabe da USP, em 1990, e colega, quando iniciamos o Programa de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe em 1995.



Ligado ao projeto de Pós, o Prof. Helmi Nasr, o querido fundador dos estudos árabes na USP, Aida e eu, entre 1993 e 1995 desenvolvemos um intenso projeto editorial de revistas e livros, precursor do que viríamos a criar no EDF da Feusp em 1997. (cf. neste volume as *selfies* de Aida Hanania – sobre sua própria prução e sobre os estudos árabes – e o artigo em homenagem a Helmi Nasr)



Helmi Nasr em 2007 e quando ainda jovem no Egito, seu país natal – foto Jornal da Usp

O Prof. Nasr, atualmente com 94 anos e em plena atividade, é, como se sabe, autor da primeira tradução, direto do árabe, do Alcorão e o primeiro latino-americano a integrar o Conselho de Sábios da Liga Islâmica Mundial.

Com a aposentadoria da Aida, e tendo o Prof. Nasr e eu concluído nossa colaboração voluntária para o Programa de Pós (durante esses anos trabalhei no Programa sem deixar nenhuma das funções que exercia na Feusp...), transferimos nossos projetos editoriais para o EDF-Feusp (e para o Cemoroc, fundado oficialmente em 2002).



“Revista de Estudos Árabes” - Caligrafia de Hassan Massoudy
para a capa da *Revista de Estudos Árabes* do Dlo-Fflehusp

Aida Hanania, a quem tanto deve o curso de Árabe da USP, é uma daquelas eruditas à antiga: apaixonada pela língua e cultura francesas, profunda conhecedora do árabe, refinado senso artístico etc.

Além de brilhante pesquisadora, é excelente administradora, a chefe que qualquer departamento sonha em ter. Sua contribuição como fundadora de nossas revistas tem sido, ao longo destes 20 anos, inestimável. A ela devemos, por exemplo, as primeiras parcerias internacionais, tão características de nossas edições e de que falaremos em outro tópico. Em 1992, em congresso na USP - por ocasião do V centenário da descoberta da América -, Aida recebeu, como diretora do Centro de Estudos Árabes, duas professoras do *Departamento de Estudios Árabes e Islámicos* da *Universidad Autónoma de Madrid* - Dra. Aurora Cano e Dra. Nieves Paradela - e falamos genericamente sobre a possibilidade de cooperação entre nossos Departamentos. Esse contato viria a ser – anos depois – as primícias de nossas parcerias internacionais.

A propósito de características, indiquemos, de passagem, três outras que procuramos cultivar e que são objeto de *unânime* gratidão por parte dos autores, que se encontram, também por isso, altamente motivados:

- 1) a agilidade em publicar: uma vez aprovado o artigo pelos pareceristas, não há demoras (parece incrível que na era da editoração eletrônica, artigos encaminhados levem muitos meses ou anos para serem publicados);
- 2) a consideração para com o autor, que é rapidamente (em geral, em menos de um mês) informado da aceitação (/recusa /aceitação condicional) de sua matéria e da previsão exata de sua publicação; e
- 3) A rigorosa pontualidade das revistas periódicas (como se sabe, há uma absurda praxe das revistas acadêmicas de andarem defasadas, por vezes em anos...).

Nascimento com humor e mídia

Naquele ano de 1997, com as condições acadêmicas e tecnológicas amadurecidas, lançamos o No. 1 de *Mirandum* (jan-abr 97). A palavra *mirandum* em latim significa: “o que suscita admiração” e remete a nada menos que ao princípio da filosofia e da poesia, segundo Aristóteles e S. Tomás (e os clássicos em geral).

Nos números 1 e 2 de *Mirandum*, publicamos em forma de artigos um par de estudos meus que já constavam de uma seção Humor, um diferencial do site da Mandruvá na época. Mas, com uma característica original: não se tratava meramente de piadas, mas de uma seção “Humor e reflexão”, na qual apresentávamos, por

exemplo, piadas do século XII, o estudo "O Humor na Bíblia" e uma seção (bilíngue) sobre "piadas de brasileiro", fruto de uma longa pesquisa sobre a (já então, péssima) imagem do brasileiro na Europa. Um de meus alunos, Robson Pereira, jornalista do Estadão e pioneiro da Internet nesse campo, encaminhou o link para o nascente "Mundo Virtual" da *Agência Estado* e nossa Editora ganhou duas matérias de capa (24-6-97 e 1-7-97) nesse site de notícias sobre a Internet.

Poucos dias depois, a jornalista Cristiane Segatto publicou uma matéria (/entrevista) "Piadas sobre brasileiros são comuns na Internet" (O Estado de S. Paulo, 30-6-97), o que deu visibilidade ao site. Sucederam-se entrevistas para rádio e TV: Maria Lídia (CBN), Gioconda Bordon (Eldorado), Britto Jr. (TV Senac) etc. e grande repercussão na mídia.

Para as edições impressas, tivemos a felicidade de contar, desde o começo, com os competentes serviços da Copiadora São Bernardo (<http://www.copisb.com.br/copiadorasb/index.php>), na maior parte destes 20 anos sob a direção do grande amigo e parceiro Valmir Gardinalli. Vinte anos e duzentos e cinquenta serviços em gráfica e nunca um atraso, uma imperfeição!! Portanto, *data venia*, atrevo-me a fazer uma publicidade gratuita da Gráfica:



Falando ainda na base material, a editora – e o próprio Cemoroc – nunca teve sede: as reuniões, centenas delas, e as recepções de convidados estrangeiros, sempre têm se dado em bares e restaurantes perto da USP. Especialmente no "Clube dos Professores" (para tristeza da comunidade uspiana, recentemente privatizado...), passagem obrigatória para os estrangeiros, que ficavam extasiados com a exuberância da mata tropical e dos churrascos e com o atendimento dos garçons.

Também o "Senzala", na Panamericana. "Os Cobras", na Vital Brasil, popular, com o impagável garçon Zé, que atende 20 mesas como se cada uma fosse a única. O antigo Ilha da S. Gualter – o Dr. Paulo Ferreira da Cunha, chegou a homenageá-lo formalmente, dedicando um de seus livros "às conversas do Ilha"... O "Clube do Churrasco" da Corifeu (mais um que recentemente deixou de funcionar), com seu curioso slogan: "Frequentemente bem frequentado". O "Mestre das batidas" (do Itaim). "Peña Don Fernando", em Aldeia de Carapicuíba (também extinto). O "Stefano" na Raposo. A pizzaria Degas, na Teodoro, para lançamentos de revistas.



A equipe do (extinto) Clube dos Professores:
Adão, Artur, Nonato, Shizuo, Edilson, Lima, JL.

...e Nicodemos

Parcerias com universidades estrangeiras

Antes de falar de como se estabeleceram os contatos com as universidades estrangeiras coeditoras, passo a palavra a uma criteriosa matéria do Jornal da USP (7 a 13-08-2000, p. 9), que faz um balanço das atividades da editora, ainda nascente.

As ciências humanas reinam absolutas numa página da Internet mantida com a ajuda da USP. Criado em 1997 pela Editora Mandruvá - com apoio do Dep. de Filosofia da Educação e do Dep. de Letras Orientais da USP -, o *site* reúne 8 revistas diferentes, que trazem originais artigos ligados a várias áreas das humanidades, desde filosofia e educação até literatura, direito e estudos orientais. Nelas, pode-se encontrar, por exemplo, textos sobre o pensamento de Tomás de Aquino, entrevistas inéditas com pensadores estrangeiros - como o filósofo espanhol Julián Marías -, e aspectos da cultura árabe, como a relação entre o Corão e a ciência. As revistas podem ser acessadas no endereço www.hottopos.com/. Outras universidades do mundo também participam do projeto da Editora Mandruvá - entre elas as de Frankfurt e Freiburg, na Alemanha, Barcelona e Madri, na Espanha, e Porto, em Portugal -, que co-editam as revistas. Já em sua décima edição, a revista *Mirandum*, por exemplo, saiu recentemente com a cooperação do Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto.

O mesmo Gabinete - o único em Portugal a oferecer curso de pós-graduação em filosofia medieval - colaborou na edição de outra revista, a *Notandum*, número 6, lançada neste mês.

A Universidade de Freiburg co-editou outras edições de *Notandum*. A *Collatio* - dedicada a estudos árabes, hoje no número 5 - conta com a ajuda da Universidad Autónoma de Madrid. Já a *Revista Internacional d'Humanitats* e a *Convenit Internacional* têm como co-editores, respectivamente, a Univ. Autònoma de Barcelona e a Univ. de Frankfurt. Junto com a Harvard Law School Association of Brazil - um órgão oficial da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, que reúne os brasileiros pós-graduados naquela instituição -, a Editora Mandruvá publica também a *International Studies on Law and Education*, com textos sobre direito e educação. (...)

"Nossa página recebe quase 2 mil visitas por dia, de várias lugares do mundo, e esse número está aumentando", comemora o editor de Internet da Editora Mandruvá, Sylvio Horta, que fez doutorado em Filosofia da Educação na USP. Pelos cálculos de Horta, cerca de 150

instituições do mundo recomendam a página da Editora Mandruvá em seus *sites* - entre elas as bibliotecas do Vaticano e das Universidades de Berlim e Hannover, na Alemanha.

As revistas são uma nova e bem-sucedida maneira de divulgação científica, segundo o coordenador editorial da editora, professor Jean Lauand, do Departamento de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da USP. Enquanto os editores das tradicionais revistas acadêmicas impressas sofrem atrasos com falta de verbas e burocracia - diz -, as publicações eletrônicas se caracterizam pela agilidade e rapidez. Da sua sala na USP, Lauand recebe via Internet textos de pesquisadores de todos os continentes, interessados em publicar seus trabalhos. Em seguida ele envia os artigos para os membros dos conselhos editoriais das revistas, compostos por professores das universidades co-editoras. Só após receber a aprovação de pelo menos dois pareceristas é que os textos são publicados. "Como tudo é feito por *e-mail*, não temos problemas com atrasos", afirma Lauand, lembrando que as revistas estão também à disposição de professores e estudantes da USP. Graças a essa agilidade, a editora já prepara novos lançamentos. A edição número 3 da *Convenit Internacional* acaba de entrar na rede, com um léxico da língua hitita, de autoria de Jesús Rodríguez Ramos, de Barcelona, e um ensaio sobre o Renascimento no século 12, escrito por Alexander Fidora e Andreas Niederberger, de Frankfurt.

Nos próximos meses, com exclusividade internacional, a editora colocará à disposição do público 24 conferências sobre história da filosofia dadas por Julián Marías, durante um curso que ministrou em 1999 na Espanha. Atualmente com 86 anos, Marías - que nos anos 40 escreveu uma História da Filosofia hoje clássica - cedeu à editora os direitos de tradução e publicação do curso. "Nas aulas, ele revisita sua obra e aborda de Heráclito a Heidegger numa linguagem acessível a todos", explica Lauand. "É um material importantíssimo." (...) As oito revistas eletrônicas também são editadas em papel, mas em pequenas tiragens de 300 exemplares, que são distribuídos para bibliotecas e outras instituições.

Como chegamos tão rapidamente a esse elevado estágio? Em se tratando de estabelecer intercâmbio com universidades europeias, a primeira pergunta é: o que a universidade brasileira teria a oferecer a essas instituições?

Nesse sentido, um episódio divertido ocorreu, em 1999, quando propus aos colegas da Universität Freiburg que na capa de cada revista, que estávamos então co-editando, constasse: "edição comemorativa dos 30 anos da FEUSP". O Dr. Reboiras, diretor de Freiburg, sorriu e disse que não havia inconveniente, mas que a universidade deles era do século XV...

Feitos os devidos contatos: com a Dra. Aurora Cano (a chefe do Departamento de Estudios Árabes da Autónoma de Madrid, com quem tínhamos feito - a título de experiência - algumas publicações não-periódicas e não-eletrônicas em 1996) e com um dos mais prestigiosos medievalistas do mundo, professor do Departamento de Estudios Clássicos e de Idade Média da Autónoma de Barcelona, o Dr. Pere Villalba (a quem escrevi por Internet sem outro conhecimento que a vaga indicação de um amigo comum), fui convidado para, em abril de 1998, visitar essas universidades, a fim de formalizarmos a fundação das revistas *Collatio* e *Revista Internacional d'Humanitats* e para nelas proferir conferências. E também outros contatos em Espanha, graças a indicações de Concha Piñero e Malu Ramos da Silva.

Essas primeiras conferências significavam para meus anfitriões, além de atos acadêmicos (debater com um professor estrangeiro), talvez também, como “agenda oculta” (até para os professores que já estavam dispostos a realizar projetos conjuntos com a USP), a possibilidade de - já que pretendíamos fazer edições em comum - permitir aos docentes desses Departamentos “testar” a legitimidade dos parceiros. E entre brancos, trancos e barrancos acabamos (Mario Sproviero e eu) aprovados. E foram fundadas a revista *Collatio*, coedição com a Univ. Autónoma de Madrid; a *Revista Internacional d’Humanitats*, com a Univ. Autònoma de Barcelona; *Notandum*, originalmente com a Univ. San Pablo de Madrid; e *Mirandum* passaria a ser coeditada com o Gabinete de Filosofia Medieval da Univ. do Porto.

Nossas primeiras revistas têm sugestivos nomes latinos (tendência depois seguida por congêneres...). No caso de Barcelona, tivemos de abrir uma exceção: a revista que o EDF-FEUSP co-edita com eles não tem nome latino, mas *Revista Internacional d’Humanitats...*, nossa homenagem à grandeza da Catalunha.

Mas, voltemos à questão: o que tínhamos a oferecer nesses intercâmbios? Se os colegas europeus estão em melhores condições de desenvolver estudos clássicos e de humanidades, nós tínhamos uma (para a época) muito avançada estrutura editorial eletrônica: o *site* da editora Mandruvá, sob o comando de Sylvio Horta.

Com esse pioneirismo, fomos recebendo links de importantes universidades e dos nascentes bancos de dados da época, que depois serviram de base para outros (cada uma de nossas revistas traz na home page de cada número um link para esses indexadores).

Entrevistas

Essas viagens renderam também para nossas revistas entrevistas com importantes pensadores europeus. Realizamos e publicamos mais de 30 entrevistas. Com renomados medievalistas como Antonio Linage (Madrid, autor da consagrada *História Geral da Ordem Beneditina*, obra única no gênero); Maria Cândida Pacheco (diretora do Gabinete de Filosofia Medieval da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que dirigia os trabalhos do GFM sobre os autores portugueses medievais) ou Fernando Reboiras da Universität Freiburg. Entrevistamos também destacados arabistas, como Miguel Cruz Hernández (o maior nome em estudos sobre Averróes), Aurora Cano, Serafín Fanjul (o infatigável tradutor e estudioso de Ibn Khaldun), entre tantos outros. Além, é claro, dos filósofos Julián Marías e Alfonso López Quintás. E educadores, como a curiosa entrevista com César Coll, sobre a reforma curricular brasileira: <http://www.hottopos.com/harvard1/coll.htm>.

Dentre os entrevistados brasileiros, na época, destaco a entrevista com a poeta Adelia Prado (<http://www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm>), que presenteou-nos com o manuscrito de um poema inédito, que só se encontra em nosso site e que reproduzo aqui: “Acácias”.

ACÁCIAS

Minha alma quer ver a Deus.
Eu não quero morrer.
Quero amar sem limites
E perdoar a ponto de esquecer-me
Radical, quer dizer pela raiz
O perdão radical gera alegria
Exorciza doenças, mata o medo
Dá poder sobre feras e demônios

Falo. E falo é também membro viril,
Todo léxico é pobre,
Idiomas são pecados;
Poemas, culpas antecipadamente perdoadas
Eis, esta acácia florida gera angústia
Para livrar-me, empenho-me
Em esgotar-lhe a beleza
Beleza importuna,
Magnífica insuficiência,
Porque ainda convoca
O poema perfeito.

Nossos “Três Tenores”: Josef Pieper, Julián Marías e Alfonso López Quintás

Antes do contato editorial, o acadêmico: Josef Pieper, Julián Marías e Alfonso López Quintás eram os temas das teses de doutorado, respectivamente: minha, de Sylvio Horta e de Gabriel Perissé, também ele um importante autor e editor do Cemoroc. Aproveitando as viagens à Europa de 1998 e 1999, aproveitei para estabelecer contato pessoal com Marías e López Quintás.

Na época, Julián Marías era, talvez, o filósofo mais lido do mundo. Quando, em 1998, estive em Madrid, fui recebido carinhosamente por Don Julián, para conhecê-lo e para entrevistá-lo (seu apartamento era mais um depósito de milhares de e milhares de livros amontoados).



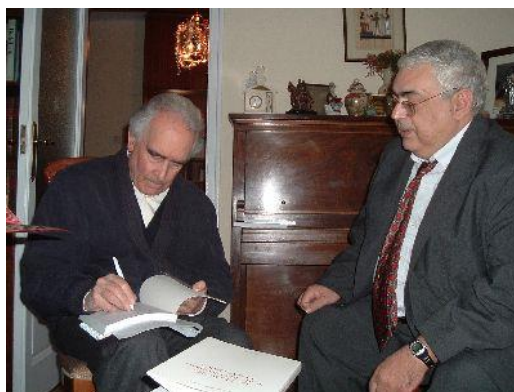
No apartamento de Julián Marías em Madri

Após gravarmos a entrevista (estupenda!), Don Julián convidou-me para assistir a uma de suas conferências sobre filosofia (ele estava dando dois cursos de conferências). Anotei endereço e data e fui. Ao chegar ao local (a conferência era na *calle San Bernardo*, rua central em Madrid), havia uma multidão (depois calculei que seriam mais de 300 pessoas) que se apinhava para assistir a um filósofo, que contava, então, com 84 anos. D. Julián quis honrar-me, recebendo-me privadamente na antesala da conferência e, ao final, duas professoras da *Asociación de Amigos de Julián Marías*, Cármen e Teresa Barril Roche (são irmãs), vieram me perguntar se eu tinha gostado da conferência, de onde eu vinha etc. e me falaram da *Asociación*. Ficamos em encontrar-nos para conversar com mais calma, no dia seguinte, em frente ao

Museo do Prado. Cheguei pontualmente ao encontro e quando expliquei que, além de professor, era editor, elas prontamente me ofereceram as fitas das conferências do filósofo para publicação. Essa generosa oferta se manteve ao longo de alguns anos e, graças a essas boas amigas, publicamos, com exclusividade, diversas conferências de JM.

Em 17-6-2000, data em que JM comemorou seu 86o. aniversário, a AAJM confiou à nossa editora a publicação do curso ministrado em 1999-2000 em mais de vinte conferências (uma para cada filósofo de Heráclito a Heidegger, passando por Aristóteles, Agostinho, Descartes, Locke, Husserl, Ortega etc.) sobre *História da Filosofia (em seus estilos)*. Quando se tem em conta que a *Historia de la Filosofía* de Marías publicada em 1940 é até hoje um dos livros mais vendidos no mundo hispânico, pode-se avaliar a importância desse gesto de amizade e confiança.

Com Alfonso López Quintás, também uma imensa generosidade. Recebeu-me com grande simpatia: entre outros “detalhes”, quando lhe disse que iria orientar a primeira tese sobre seu pensamento no Brasil, ele ofertou-me - não aceitando mais do que um pagamento simbólico - uma coleção de sua extensa obra completa (incluindo dezenas de fitas de vídeo e de áudio e dezenas de livros, alguns antigos e raros). E desde então tem enviado diversos originais - com exclusividade para nossa editora - que temos publicado, despertando muito interesse por parte do público leitor.



Na casa de ALQ em Madri

Josef Pieper, alguns anos antes de morrer, já nos tinha dado sua autorização para publicar artigos seus. A ele dedicamos, entre outras, as publicações relativas ao XII Seminário Internacional Filosofia e Educação do Cemoroc (2011), centrado em seu conceito de Universidade (Cf. <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=18225>). E também o X Seminário Internacional Filosofia e Educação, com a presença do Dr. Berthold Wald, Diretor do Centro de Estudos Josef Pieper, da Theologische Fakultät de Paderborn Institut (Cf. <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=8559>).



XIII Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação. Aspecto do público.

De posse desse tesouro, criamos a página “Special Collections - Signatures”, com textos exclusivos dos três filósofos, aos quais, depois se juntaram outros nove autores: <http://www.hottopos.com/4.htm>

Nosso parceiro atual: o IJI - Instituto Jurídico Interdisciplinar da Univ. do Porto

Mais uma vez o acaso. Em 1999, o ilustre jurista e filósofo português Paulo Ferreira da Cunha e eu estávamos em uma lista da Internet (dessas de e-mails e, portanto, só se sabe da presença de quem participa ativamente). Um dia recebo um mail do Paulo, apresentando-se e, imediatamente – dada a imensa sintonia de pensamento e pessoal –, começou uma grande amizade, que quando da fundação do IJI, passou a ser também comunhão institucional Cemoroc-IJI: no plano editorial e de organização de eventos. Não é por acaso que Paulo aparece em diversas das fotos de nossos eventos: ele os preside!

Seu brilhante talento como erudito, autor, editor e professor incomparável, que ele generosamente põe à disposição do Cemoroc, tem sido, de modo crescente desde 2000, decisivo para nossos eventos e revistas: atualmente o IJI co-edita: Notandum, Convenit Internacional e International Studies on Law and Education.



Roberto Castro e Paulo Ferreira da Cunha

Um editor incansável: Enric Malloquí-Ruscalleda

O Dr. Enric Mallorquí-Ruscalleda (California State University-Fullerton), nos últimos anos, tem editado e coordenado diversos volumes para o Cemoroc.



Enric proferindo memorável conferência sobre o Quixote no XIII Seminário Internacional: Filosofia e Educação do Cemoroc.

Encarregado de números monográficos, para além da seleção e contato de respeitadíssimos intelectuais internacionais, EM-R participa de todo o trabalho editorial (ordenação de matérias, revisão de provas, formatação, contato com os

autores etc.). Graças a seu empenho, muitos especialistas de renome mundial (linguistas, filósofos, hermeneutas, especialistas em estudos literários, etc.) vieram a honrar nossa lista de autores e diversas universidades de prestígio – como o ISIC-IVITRA da Universitat d’Alacant - se associam *ad hoc* a nossas edições. Assim, desde 2013, foi editor ou coordenador de: Revista Internacional d’Humanitats 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 39; Notandum 44-45 e Convent Internacional 20 e 23.

Uma especial parceria recente: a Umesp

Não poderia deixar de mencionar, embora algumas selfies se encarregarão disso com detalhe, de destacar a (relativamente) recente parceria com diversos professores e pós graduandos da Universidade Metodista de São Paulo, com o representativo agradecimento a dois notáveis intelectuais (e muito queridos amiga e amigo).

Primeiramente à Dra. Roseli Fischmann, desde o começo (como professora da Feusp), e constantemente, uma de nossas mais brilhantes autoras e editoras e que agora estende sua colaboração, com a liderança que exerce também na Umesp.



E ao Dr. Rui Josgrilberg, que tanto tem impulsionado nossos trabalhos.



JL e Rui Josgrilberg na Umesp

Concluo este Memorial, muito incompleto e mais voltado aos primeiros tempos, confiando às diversas selfies a tarefa de apresentar as múltiplas e atuais faces de nossa produção. Uma de minhas principais motivações foi a de expressar a gratidão da Diretoria a todos os que tornaram esse caminho (*derek*) possível e, com especial carinho, a nossos leitores. Muito obrigado.

Recebido para publicação em 06-10-16; aceito em 09-10-16